

ARQUEÓLOGOS ANGOLANOS E PORTUGUESES COLABORAM NO ESTUDO DA ARTE RUPESTRE E ARQUEOLOGIA DO EBO (KWANZA SUL)

Está em curso mais uma campanha de trabalhos de levantamento das pinturas rupestre do complexo patrimonial do Ebo, na província de Kwanza Sul, em Angola. O projecto é uma parceria entre a República de Angola (através do Instituto Nacional do Património Cultural e do Museu Nacional de Arqueologia – tendo a campanha integrado uma equipa do MNA e do MC orientada pelo Dr. Paulo Valongo, e que integrou os investigadores Prazeres Saralo, Ana Paula Gomes, João Catchicondelo) e o Instituto Politécnico de Tomar (Profs. Luiz Oosterbeek e Pierluigi Rosina), que coordena uma equipa de campo apoiada pela FCT (PTDC/HIS-ARQ/103187/2008 - PROJECTO EBO – Arte Rupestre, Arqueologia, Património e Desenvolvimento) e que também integra investigadores do Instituto de Investigação Científica Tropical (Prof^a Ana Roque), da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (Dr^a Cristina Martins), do Instituto Terra e Memória de Mação (Prof. Hipólito Collado) e da Universidade de Paris I Panthéon-Sorbonne (Prof. Manuel Gutierrez). É especialmente importante destacar o grande empenho de todas as autoridades angolanas: Ministra da Cultura, Governo da Província do Kwanza Sul, administração municipal do Ebo, autoridades policiais e autoridades tradicionais (Sobas).

A investigação teve início em 2011, e tem como principais objectivos a caracterização do complexo rupestre no quadro global da caracterização da região do Ebo como paisagem cultural (onde a arte rupestre se associa a diversas manifestações de arquitectura funerária, povoados e marcadas tradições culturais). Os trabalhos de campo, em Julho, serão complementados com trabalhos laboratoriais no Museu de Arte Pré-Histórica de Mação e no Museu Nacional de Arqueologia de Benguela, envolvendo docentes e estudantes dos programas de Mestrado e Doutoramento do IPT e da UTAD.



A região do Ebo conheceu uma colonização tardia. O primeiro comércio documentado data de 1915 (talvez associado a um esforço da jovem república portuguesa em colonizar efectivamente o interior das colónias, após a humilhação do ultimato inglês de 1891 que precipitara a queda da monarquia – a república vai viver com essa preocupação de demarcação face à monarquia, que também a conduzirá a participar na I Grande Guerra), e o início da agricultura com recurso a adubos tem início apenas na década de 1930 (convergindo com a intensificação económica observada com a depressão iniciada

em 1929).

Numa rede de povoamento actual com cerca de uma centena de povoados, o Ebo é um planalto elevado, enquadrado por duas cadeias graníticas orientadas N/S e preenchido por diversos inselbergs. Nas formações rochosas abrem-se diversos abrigos com pinturas, tendo sido reconhecidos pelo menos quatro níveis de sobreposições e três estilos artísticos.

O maior abrigo pintado, Ndalambiri, encontra-se actualmente a ser estudado. Contrariamente aos outros abrigos, que se abrem no eixo Norte/Sul, virados para a peneplanície central (como os abrigos da Cumbira virado a Este e Caiombo virado a W), este abrigo abre-se para N/NW e para a peneplanície Norte, onde são mais escassos os inselbergs.

Do abrigo aberto para Norte visualiza-se uma extensa planície delimitada por cadeias montanhosas, com escassos inselbergs e seria, por isso, um importante ponto de observação, sendo que do topo do maciço se controla visualmente todo o planalto do Ebo. O abrigo poderia mesmo albergar uma pequena aldeia ou, o que é mais provável, ateliês e cerimónias.



O maciço está rodeado por pequenos inselbergs (excepto para Norte) onde ocorrem dezenas de sepulturas sub-circulares, possivelmente de sobas. Algumas destas sepulturas incluem decorações em zigue-zague que também se encontram nas pinturas (nas quais os círculos também podem sugerir sepulturas) e são reconhecidas nas estruturas fortificadas da África Austral das primeiras sociedades de metalurgistas (como o Grande Zimbabwe).

O abrigo apresenta uma extensa parede com uma sequência aparentemente caótica de pinturas, por vezes sobrepostas, onde ocorrem diversos antropomorfos (orantes, com espingarda, fumadores de cachimbo, dançantes,... – uns a simples traço outros de corpo preenchido), tipóias, círculos concêntricos, zoomorfos (elefantes, cabras, leopardos, sáurios, ugungus ou cegonhas), espaços delimitados sub-rectangulares divididos (armadilhas, ou casas, ou...).



Por vezes a parede foi preparada com uma base em barbotina sépia. Sobre esta foram então feitas pinturas, ou, também, removida a barbotina foram definidas figuras negativas a negro (cor da parede).

O painel pode ser interpretado como um só, constituído por uma narrativa atemporal (crónica) de significado perdido. Mas podem igualmente definir-se elementos estruturais importantes, sendo possível definir três grandes conjuntos de pinturas: uma ampla sequência de W para E (sequência A) sobre a parede côncava, constituído por

“composições simples); uma segunda (sequência B) que corresponde a uma grande convexidade da parede, e que contém um aparente caos de sobreposições; e uma terceira, no extremo Este (sequência C), que inclui algumas composições complexas e muito organizadas.

A sequência A, a leste, corresponde à maior parte do abrigo. Teria sido nesta área que actividades metalúrgicas ou de habitat temporário terão tido lugar (hipótese que só uma escavação em área pode substanciar).

A sequência B tem a peculiaridade de ser fortemente iluminada pelo Sol do meio-dia (em Julho, na época do solstício de Verão). A complexa sobreposição, sem denunciar forçosamente estilos, técnicas ou motivos distintos, sugere que se trataria de pinturas executadas no decorrer de ritos (performances). Observam-se antropomorfos e uma figuração geométrica única, sub-quadrangular no seu contorno e pintada a negro.

A sequência C, alinhada com o Sol poente, permite identificar quatro painéis, com composições que enunciam prováveis mitos e parece corresponder à área mais relevante no plano simbólico. Destaca-se um painel duplo,



cuja parte oriental inclui um leopardo que recobre um trio de antropomorfos, sendo que à esquerda se situa um masculino em pé, frente a uma grávida sentada, atrás da qual se situa outro antropomorfo em vista frontal. Este trio encima um espaço quadrangular com quatro quadrantes com diversos preenchimentos: zoomorfos (macacos e cabras ou cães), espaço vazio (mas dividido em dois), figuras enigmáticas (morto? Maracas?) e vegetação. A organização estrutural é clara e dicotómica: o leopardo vs o resto, o “casal” vs o antropomorfo isolado, as diversas figuras circunscritas. A composição ocidental é encimada por um elefante, sob o qual se encontra outro elefante e um antropomorfo.

Sob estes foi pintado um rectângulo vertical dividido em quadrado e pequeno rectângulo. O quadrado foi dividido em X, com uma pacaça em cima, antropomorfos à esquerda, vegetação e um círculo concêntrico (sepultura) sobre o qual se observa um ziguezague. Abaixo foi definida uma divisão rectangular (morte?). Como nos casos anteriores são claras as dicotomias: animais e humanos vs vegetais (e defuntos).

A importância dos trabalhos em curso decorre não apenas da diversidade e qualidade das pinturas, ou da complexidade dos vestígios arquitectónicos (cujo estudo de pormenor se iniciará em 2014), mas também da sequência estratigráfica que foi possível reconhecer em escavação no abrigo de NDalambiri. Esta última permitiu não apenas relacionar contextos de artefactos com níveis de pinturas, mas também a identificação de um nível de ocupação de caçadores-recolectores, provavelmente anterior às pinturas mais antigas.





Soba de NDalambiri e sua família

Em 2014 serão apresentados os resultados globais do primeiro triênio de pesquisa, que incluirão a dissertação de Doutoramento de Cristina Martins. Será igualmente realizado um seminário de discussão sobre os trabalhos de investigação que o IPT acompanha em Angola e na Namíbia.

Mais informações podem ser obtidas contactando o Laboratório de Arte Rupestre do Instituto Terra e Memória, em Mação (museu@cm-macao.pt).



Foto de grupo na 1ª fase de trabalhos



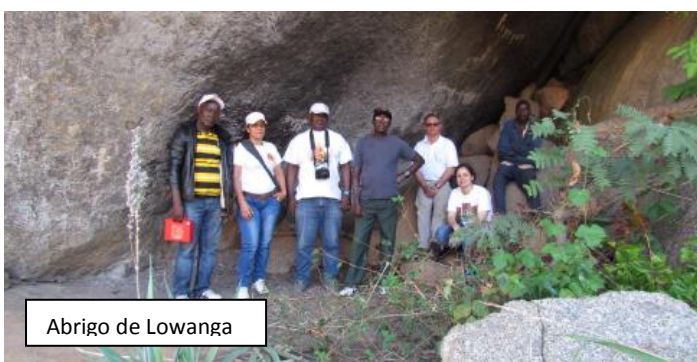
Reunião inicial com a Srª Ministra da Cultura em 2011



Assinatura no Livro de Honra do Soba de NDalambiri



Abrigo do Quizolo



Abrigo de Lowanga



Sessão pública sobre os trabalhos